O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	⁂	⁂
Extrangeiro e India.....	5$000	2$500	⁂	⁂

34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1180

10 de Outubro de 1911

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

UM TINTEIRO HISTORICO, OFERECIDO POR UMA COMISSÃO AO SR. DR. AFFONSO COSTA — DELINEADO E CINZELADO PELO SR. JOÃO DA SILVA

CHRONICA OCCIDENTAL

Com um sol esplendido, uma temperatura amoravel, assim deslisaram estes ultimos dias, nesta Lisboa cheia de festas e cheia de gente, que os comboios nella despejaram, vindo de longe, vindo de perto, mais de duzentos mil forasteiros, assistir aos festejos commemorativos do primeiro anniversario da proclamação da Republica Portuguêsa.

Nem as noticias da conspiração monarchica no Porto, nem os telegrammas da fronteira annunciando que os conspiradores haviam entrado no solo português, por Vinhaes, concelho de Bragança, conseguiram perturbar as alegrias da festa, e até parece que as tornou mais ruidosas, pelo constante toque da *Portuguêsa* que as bandas, as philarmonicas, e até os *solidós*, tocaram pelas ruas e nos coretos, onde a altas horas da noite ainda se ouvia de mistura com os foguetes e bombas, que sem cessar, atroavam os ares durante seis noites e seis dias, em cheio.

A commemoração principiou á meia noite de 3. Era o anniversario da morte do dr. Miguel Bombarda e almirante Candido dos Reis. A'quella hora os navios de guerra surtos no Tejo salvaram com 21 tiros, e em terra principiaram a estalar nos ares milhares de foguetes e bombas, inaugurando-se as primeiras illuminações.

Quando o dia rompeu já percorria a cidade

grande multidão, que foi engrossando cada vez mais, apresentando Lisboa extraordinaria animação, com as principaes ruas e avenidas todas ornamentadas, sendo raro vêr-se travessas e beccos por onde não houvessem janellas e portas enfeitadas com flôres naturaes e de papel, festões de verdura, estampas alegoricas da Republica, retratos do Presidente e de outros caudilhos da revolução, bandeiras e balões venezianos. Estas e estes tiveram tão largo emprego que chegou a não haver uma bandeira nem um balão sequer para vender.

Os hoteis puzeram avisos nas portas que não tinham logar para mais hospedes, e muitas casas de familias fôram evadidas por aluviões de parentes, amigos e mais ou menos conhecidos das provincias, que vieram installar-se-lhe em casa, de cama e mesa, o que para muitas seria um desequilibrio nas suas finanças domesticas.

Mas para que nem tudo ficasse desequilibrado o sr. Presidente da Republica teve a feliz lembrança de convidar para um jantar os professores de instrucção primaria, que pela primeira vez em sua vida e na vida de todos os professores passados e presentes, tiveram o prazer de se sentarem á mesa do Chefe do Estado.

Já não era sem tempo, que a estes benemeritos da educação nacional se concedesse tão justa honra, mettidos na sua modestia e quasi votados ao abandono.

Não fôram, porém, só estes os lembrados pelo digno Presidente da Republica, pois deu tambem de jantar a velhos invalidos e creanças pobres, reunindo os dois extremos, que mais precisam de amparo: os que já não pódem e os que são a esperança do futuro.

Bem haja o sr. dr. Manuel d'Arriaga que veiu semear alegrias no meio de tantas lagrimas, que muitos corações aflictos derramam nestas horas, em que tantos dos seus estarão tambem carpindo, nos carceres, a sorte adversa que fez d'elles uns tristes conspiradores prisioneiros.

Mas as festas proseguiram com o mesmo enthusiasmo a despeito do proverbial sentimentalismo português, provando assim que a causa que esses prisioneiros defendiam — a monarchia — não é simpathica ao povo.

Se sobre isto pódessem haver duvidas, ellas desfizeram-se com a chegada a Lisboa dos presos da malograda revolta do Porto.

Quando se soube que o *Adamastor* tinha entrado no Tejo com os conspiradores, a margem do rio desde Alcantara até Paço d'Arcos, encheu-se de povo para aguardar o desembarque, que afinal se efectuou em Pedrouços, numa leva de uns 150 presos, que fôram para o forte do Alto do Duque.

Cabisbaixos uns, indiferentes outros, aqueles chorando, e poucos altivos, caminhavam entre as escoltas, ouvindo os sarcasmos e ameaças do povo que se lhes mostrava hostil.

Quando as portas das casas matas do forte se cerraram sobre os presos, o povo voltou a divertir-se nas ruas e praças, onde as musicas tocavam a *Portuguesa* e ahi, com maior frenesi ainda, levantava vivas á Patria e á Republica.

O sr. Presidente iniciou os festejos publicos com a sua visita á Imprensa Nacional, onde percorreu todas as officinas, que são modelares, e apreciou uma exposição de trabalhos executados neste estabelecimento e que fazem honra ás artes graphicas do paiz.

Na Rotunda, teatro da revolução de 5 de outubro, procedeu-se á ceremonia de lançar a primeira pedra do monumento da Republica, ceremonia realisada pelo sr. dr. Manuel d'Arriaga com a assistencia do governador civil do distrito e camara municipal de Lisboa.

Ainda na Rotunda, ou praça Marquês de Pombal, foi armado um pavilhão para n'elle assistir o Chefe do Estado, o governo e mais auctoridades, ao desfile das tropas da guarnição e batalhões voluntarios em continencia, depois da parada.

Aos lados deste pavilhão levantaram-se palanques que se encheram completamente de convidados para gosarem o bello espectaculo marcial e não menos interessante aspecto da Avenida apinhoada de povo, que não se cansava de victoriar as forças militares.

Mas espectaculo mais aparatoso foi o do dia seguinte, 5, em que se realisou o grande cortejo civico.

Pelo meio dia, organisou-se este cortejo na Praça do Commercio, onde se reuniram as colectividades que o formaram de todas as classes sociaes, predominando a nota popular e ao mesmo tempo imponente.

Era 1 hora quando o cortejo se poz em marcha, e a custo um esquadrão da Guarda Republicana, que o entestava, abria-lhe a passagem por entre a multidão compacta que enchia as ruas do trajecto. A' Guarda Republicana seguia-se o corpo de bombeiros cujos capacetes niclados, reluzentes ao sol, produziam effeito estonteador. Depois, que longo desfilar de coletividades que o compõem: estudantes de todas as escolas e seus corpos docentes, asylos, associações de todas as classes, corporações scientificas, officialidade do exercito e da armada, em que os nossos marinheiros se representam em grande numero, funccionarios civis, camara municipal, parlamento, carbonaria, maçonaria, um interminavel cortejo emfim, em que a espaços vão bandas regimentaes tocando o hymno nacional, que provoca os repetidos vivas da multidão. No cortejo seguem os carros alegoricos quaes d'elles os mais caprichosos em suas decorações.

E' o da Imprensa, tirado a tres parelhas; mede seis metros de comprido e levanta na frente duas lanças que suspendem um docel que cobre todo o carro, cuja parte trazeira é formada por um grande escudo com o brazão da Typographia; sob o docel vê-se, em um pedestal feito de cliches cylindricos, a estatua de Guttemberg, um primitivo prelo de madeira, caixotins, rolos de impressão e outros utencilios typographicos completam a decoração d'este carro muito elegante que, para em tudo ser completo, era ladeado por uns seis pagensinhos a caracter.

Outro carro, o dos Correios, era muito original, constando de um obelisco sustentando o globo terrestre e sobre elle um busto decorativo; na frente, sobre uma peanha, via-se um busto da Republica, com a bandeira nacional emergindo de um macisso de flôres naturaes, e a cada angulo do carro erguiam-se postes telegraphicos de que partiam os respetivos fios, vendo-se ainda a um dos lados do carro um marco postal sobre que pousava um pombo, emblema do correio, do outro lado erguia-se uma antena de telegraphia sem fios, etc. Este carro era seguido de outro de ambulancia postal, onde empregados do correio iam recebendo correspondencia franqueada que carimbavam com um carimbo especial.

O carro do Commercio destacava-se por sua imponencia, tendo sido feito por conta das Associações Commercial e dos Lojistas de Lisboa. Era formado por um galeão de altiva prôa, donde se desenvolviam decorações emblematicas do commercio e navegação. A meia nau, fardos e caixotes de mercadorias formavam o pedestal em que assentavam as figuras de Mercurio e de pé a da Republica empunhando o estandarte nacional. Na pôpa, viam-se os emblemas das associações a que pertencia, envoltos em grinaldas de flôres e ricas colchas de seda, e ás amuradas seis pagens empunhando remos por entre grandes folhas de palmeira que guarneciam o galeão.

Outro carro encorporava se ainda no grande cortejo. Era o da Casa Pia, condusido á mão pelos alumnos. Sobre um *chassis* de automovel erguia-se ao centro a estatua da Caridade sobre a qual adejava a bandeira da Republica; dispostos convenientemente viam-se instrumentos de estudo, esquadros, compassos, espheras armilares, modelos de gesso, e o classico mocho, emblema da Sciencia. Acompanhavam este carro os alumnos da Casa Pia com o seu director e professores.

O cortejo assim composto, principiou por percorrer as ruas da Prata, da Betesga, Augusta e do Commercio até á Praça do Municipio onde saudou a Camara Municipal; depois seguiu para a rua Aurea, Rocio e Avenida da Liberdade. ao fim da qual, na Rotunda, a sua passagem era aguardada pelo Chefe do Estado, governo, alguns membros do corpo diplomatico e individualidades mais distinctas da Republica, tudo reunido no mesmo pavilhão, em que na vespera haviam assistido á parada militar.

O enthusiasmo com que o povo victoriou o cortejo em todo o seu grande percurso, não se descreve e ainda menos aquelle com que saudou o Presidente e os membros do governo, que foi verdadeiramente delirante.

O mesmo succedeu na recita de gala a que o Chefe do Estado e o governo assistiram no theatro da Republica.

Quem assistiu a todo este grande enthusiasmo, que diga se o publico, n'aquellas horas de alegria, poderia pensar no que se estava passando na fronteira de Portugal, onde, acaso, portuguêses se estariam batendo contra portuguêses, como era facil dedusir dos telegrammas que iam chegando.

Evidentemente andava *coisa no ar* e, embora o governo, nas suas communicações officiosas á imprensa, procurasse tranquilisar os espiritos, os factos até certo ponto não o confirmavam, porque a sahida de navios de guerra para o norte, o movimento de tropas, a demissão misteriosa do ministro da guerra e sua immediata substituição pelo sr. Alberto da Silveira, tenente-coronel de artilharia e commandante da policia, nada tinham de normal.

Por fim, o decreto do governo convocando extraordinariamente o Congresso Nacional para o dia 16, ainda é menos normal, tanto mais tratando de querer suspender as garantias!

O que será?!

João Prudencio.

Um tinteiro historico

Depois de Gil Vicente, o celebre ourives da viuva de D. João II, auctor da não menos celebre custodia de Belem, nenhum outro artista até hoje, que nos conste, deixou na historia da ourivesaria nacional um nome popularmente vinculado a uma ou mais obras de excepcional valôr artistico ligado ou não a um grande valôr intrinseco.

Duas riquissimas obras — duas baixellas — em estylo manuelino e gothico vieram modernamente honrar e enriquecer a ourivesaria portugueza.

A primeira foi mandada fazer pelo fallecido Barahona Fragoso, de Evora, á casa Leitão & Irmão de Lisboa, e a segunda pelo visconde de S. João da Pesqueira á casa Reis & Filhos do Porto.

Quem foi o auctor ou auctores de uma e outra obra? Não se conhecem. Será porque foram muitos os artistas por egual a collaborarem numa e noutra obra e nenhum delles se distinguiu de entre todos? Talvez, porque os nossos artistas são incompletos. E' raro o que tem noções completas de desenho e rarissimos os que teem uma desenvolvida instrucção, quando o analphabetismo não predomina. E um artista desta arte, por muita pericia que tenha em manejar o cinzel, fica sempre na sombra como um corpo opaco, porque outros lhe empolgam o merito, ou pouco brilhará se não tem a adornal-o profundos conhecimentos de desenho e escultura e uma regular illustração.

O tinteiro historico poderá ser cem vezes menos rico que qualquer das baixellas alludidas, mas tem por certo um valôr especial, talvez cem vezes superior.

Elle symbolisa o inicio de uma nova era da nossa historia, porque a sua concepção é a mais original e a mais patriotica. Elle é a obra dum só artista, desde a concepção e desenho até o ultimo retoque de cinzel e final acabamento. Elle, como nenhuma outra obra, consagra o nome de um artista portuguez que nasce com risonho futuro para a historia da ourivesaria.

Toda esta obra é de prata e assenta sobre uma base de marmore. Nos extremos direito e esquerdo estão os depositos da tinta na fórma de espheras armillares, symbolisando o medalhão da bandeira nacional. Embutido no marmore, em prata, figura o mappa de Portugal aonde o acto revolucionario de cinco de outnbro se deu, vendo-se espalhadas em diversos pontos flôres lavradas, e ao longo uma bem esculpida palma symbolisando, no conjuncto, os louros da victoria e uma era mais feliz que se avisinha.

Do lado esquerdo vê-se uma figura sentada, de rapaz, empunhando na mão direita um pincel e na esquerda um quadro com a inscripção gravada *anno 1910*, symbolisando a historia nova que ora começa. Ao centro eleva-se um pedestal, tendo na face da frente o busto do dr. Affonso Costa, circundado de ornatos de ouro, e no cimo poisa a allegoria mais importante de todo este extraordinario trabalho. Predomina um typo de mulher do povo, figurando a Republica, que, revestida de auctoridade com as varas romanas que empunha na mão esquerda, aponta com a direita á nova geração o novo caminho do oriente que se descubriu em cinco de outubro. A geração nova é representada na figura de um rapaz num vivido gesto de caminhar com pecisão para a frente, cingindo ao peito com a mão esquerda um livro — arma com que marcha para o futuro.

Debaixo d'este grupo, significando a tyrannia, como que esmagada e esphacelada pela Revolução, está uma cabeça cadaverica, de expresão viva, com um braço esquartejado e ao lado uma coronha de espingarda, destroço da lucta de um poder derrubado.

Resta-nos ainda dizer algumas palavras do auctor d'este monumento que a historia ha de consagrar, como tantos outros.

O sr. João da Silva é um rapaz ainda novo, dos seus 32 annos, e de principios humildes. Conhecemol-o desde 97, quando era aprendiz na mesma officina em que nós eramos officiaes, na casa Leitão & Irmão, alli no largo das Duas Egrejas, e nosso companheiro na aula de modelação na Escola Principe Real, revelando já nessa epoca uma accentuada vocação e uma applicação pouco vulgar na arte a que se dedicava.

Em 1900 sem que ninguem soubesse de seus planos levanta o seu modesto mealheiro do Monte Pio, producto por certo de muitas economias, e vae se até á exposição de Paris.

Alli conseguiu arranjar trabalho, e mais tarde ser pensionista do Estado nas principaes escolas profissionaes da Suissa, aonde conquistou os mais distinctos diplomas de esculptura.

De maneira que os seus vastos conhecimentos theoricos juntos á pratica que cultiva desde a infancia e a uma instrucção bastante desenvolvida, tornam o sr. Silva um artista modelar e de largo futuro. E se a morte tão depressa lhe não roubar a vida, com o dobro da edade applicada em trabalhos artisticos, não admira que produza o sufficiente para que a sua fama já então não caiba nas limitadas fronteiras de Portugal.

Eis, nas linhas geraes, a descripção de uma obra que não pertence ao seu proprietario, mas á ourivesaria Portugueza, e alguns dados biographicos de um homem que já não pertence a si mesmo, mas á arte nacional.

FONSECA BAPTISTA.

A belleza é uma carta recommendação que a natureza deu aos seus favoritos.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

Marinha mercante japoneza

Como é natural, o desenvolvimento da marinha mercante japoneza soffreu um choque com a guerra. Até ao anno de 1907 a tonelagem mercante augmentou muito com a compra de navios no estrangeiro, devido a estarem ao serviço do Estado numerosos vapores. Mais tarde em 1907 a crise financeira dos Estados Unidos fez diminuir as exportações de 53:100 contos de réis. A diminuição da importação de materias primas, a menor producção das industrias textis, o abaixamento do valor dos principaes artigos de exportação, taes como a seda e o cobre, a pouca tranquillidade da China e a falta de dinheiro do povo japonez devido aos maiores impostos a pagar por causa da guerra são tambem causas da crise porque está passando no Japão a industria dos transportes maritimos, crise que é como V. Ex.ª sabe universal. Muitos vapores mercantes de navegação costeira encontram-se desarmados nos portos e a maior parte das grandes linhas de paquetes mantem os seus serviços com perdas apesar dos subsidios que recebem.

A seguinte tabella dá uma idéa do desenvolvimento rapido da marinha mercante a partir de 1904:

Annos	Vapores		Navios de vela		Tonelagem media dos	
	Numero	Tonelagem bruta	Numero	Tonelagem bruta	Vapores	Navios de vela
1904	1.815	798.240	3.940	329.120	440	84
1905	1.988	939.749	4.132	336.571	473	81
1906	2.103	1.041.569	4.547	354.356	495	78
1907	2.131	1.115.880	4.728	365.559	522	77

Apenas figuram n'este quadro navios de construcção européa, maiores de 5 toneladas.

Os navios de construcção japoneza teem ainda uma parte importante no serviço costeiro. São representados pelos seguintes numeros:

Annos	Navios de construcção japoneza		Capacidade media	Observações
	Numero	Capacidade em *koku*		
1904	19.886	2.382.867	120	Só se consideram as embarcações de mais de 50 *koku*.
1905	20.848	2.507.724	120	
1906	22.632	2.695.832	119	Um *koku* equivale a cerca de 0,1 de tonelada.
1907	20.263	2.497.571	123	

Observa-se que nos ultimos annos a capacidade dos navios de vela de construcção japoneza quasi se tem conservado estacionaria, a dos navios de vela de construcção européa tem augmentado pouco, e a dos vapores tem augmentado muito.

Os vapores teem, de 1897 para cá, duplicado em numero — passaram de 1032 a 2139 — e quasi triplicado em tonelagem.

Segundo as estatisticas do *Bureau Veritas* a marinha de commercio occupa em tonelagem o sexto logar entre as marinhas de vapor do mundo e o decimo logar entre as de vela. Considerando que uma tonelagem de vapor equivale a tres de vela a sua posição na escala geral é em setimo logar.

A marinha japoneza que em 1903, antes da guerra, fazia 45 por cento do commercio com o estrangeiro, descaiu nos dois annos da guerra para 10,7 e 12,8 por cento. Depois da guerra retomou o seu logar, pois já em 1908 fazia 43,6 por cento dos transportes.

O governo japonez não considera ainda a sua marinha mercante em condicções de concorrer livremente com as marinhas estrangeiras, por isso conserva os premios a navegação posto que por motivos economicos os diminuisse o anno passado. Pela lei de 1896 válida por 18 annos, mantem se os actuaes premios aos navios existentes e em construcção até 30 de setembro de 1914. Só terão para o futuro direito a subvenção os navios maiores de 3:000 toneladas (agora teem direito os de 1:000), e de velocidade acima de 12 milhas (agora 10). O premio será de 225 réis por tonelada e cada 1:000 milhas percorridas (era de 112,5 réis) e augmenta por cada milha de velocidade 10 por cento. O premio total é recebido durante os primeiros cinco annos de edade do navio, diminue depois 5 por cento por anno, e cessa no fim de quinze annos. Os navios construidos no estrangeiro só teem direito a metade do premio, durante 5 annos. No dia 1 de janeiro d'este anno começou a vigorar uma nova lei de premios de construcção. Até agora tinham direito a elle os navios de 700 a 1:000 toneladas brutas, 6:300 réis por tonelada e os navios maiores recebiam 21:000 réis. No futuro só terão direito a premio os navios maiores de 1:000 toneladas, cujo premio variará de 5:500 a 11:000 réis a tonelada. Os premios á construcção de machinas ficam sendo como actualmente de 2:500 réis por cavallo.

As subvenções ás differentes linhas de navegação tem sempre augmentado em consequencia do estabelecimento de novas carreiras e mais exigencias na qualidade dos vapores.

Os principaes serviços das linhas de navegação japoneza são os seguintes:

Serviços	Emprezas	Subsidios em contos de reis
Europa	Nippon Yusen Haiska	1.263
Seattle	» »	309
Australia	» »	201
China	» »	250
Hakodate-Shagalien	» »	71
San Francisco	Toyo Kisen Kaisha	477
Dalny	Osaka Shosen Kaisha	66
Hokkaido, Vladivostok	» »	153
Yangtsé	Nischin Kisen Kaischa	378
	Total	3.168

A «Nippon Yusen Kaischa» tem conseguido dar dividendos de 12 por cento, ao passo que a «Toxo Kisen Kaisha» que em 1908 pôz a navegar para a America os seus bellos paquetes *Chyo Marii* e *Tenxo Marii*, vapores de turbinas de 13:500 toneladas, e 20 milhas, os melhores do Pacifico, e que varias vezes encontramos, tem perdido sempre dinheiro e para pagar um novo vapor egual em construcção em Nagasaki teve de pedir mais capital aos accionistas.

As frotas das differentes principaes companhias eram o anno passado:

Companhia	Numero de navios	Tonelagem bruta
Nippon Yusen Kaischa	79	261.427
	(6 em construcção)	52.200
Osaka Schosen Kaischa	107	107.103
Toyo Kisen Kaischa	8	53.085
Nischin Kisen Kaischa	14	29.347

No fim de 1907 tripulavam os navios mercantes 164:293 japonezes e 1:109 estrangeiros. O numero d'estes ultimos vae diminuindo e não são admittidos nas linhas subsidiadas.

A industria da construcção naval tem tido a luctar com a falta de material no paiz. As fundições de aço do Estado em Wakamatsu já produziram em 1908 vinte mil toneladas de chapas, 25:000 toneladas de rails e 15:000 toneladas de aço em barra e cantoneiras. No corrente anno devem produzir-se 80:000 toneladas d'aço das quaes 55:000 serão para o Governo. Ultimamente inauguraram-se os grandes estabelecimentos para a producção do aço em Mororan pertencentes ás firmas inglezas Vickers e Armstrong. Constroem-se ainda muitos navios de vapor e de vela, de madeira, mas essa mesma tem de ser importada. O numero dos estaleiros de construcção é 224 sendo os principaes os da «Mitsu Bischi em Nagasaki, que visitámos, onde agora trabalhavam uns 8:000 operarios e se constroem os maiores paquetes de turbinas, os de Kawasaki em Kobe e os de Osaka. A producção dos estaleiros japonezes foi, considerando só os navios maiores de 100 toneladas, de:

Annos	Navios	Tonelagem
1904	62	32.612
1905	127	32.858
1906	127	44.452
1907	135	73.032

Marinha de pesca

Sendo a principal alimentação dos japonezes arroz e peixe, póde calcular-se a importancia da pesca no Japão, um paiz com mais de 50 milhões de habitantes (50.751:919 em 1910) e perto de 29:000 kilometros de costa.

O valor da pesca no ultimo anno foi de 40:950 contos de réis, ou seja proximamente oito vezes o valor das nossas pescas annuaes. Empregam-se na pesca 423:000 embarcações das quaes 397:000 são de bocca aberta. O numero de pescadores eleva se a 3,5 milhões de habitantes. Até ha poucos annos a pesca só se fazia em pequenas embarcações. Agora ha muitas embarcações de coberta ás quaes o Governo dá uma subvenção. Pela lei de 1897 recebem os vapores de pesca um subsidio annual de 7:500 réis por tonelada e os barcos de vela de mais de 30 toneladas 5:000 réis. Além d'isto o Governo dá a cada tripulante 5:000 réis por anno. E' porém pequena a percentagem dos barcos de pesca que se aproveitam d'estes subsidios visto que dos 750 contos inscriptos no orçamento apenas em 1905 se pagaram 137. Estes beneficios não aproveitam aos mais pobres pescadores que veem diminuir o valor do peixe e ir-se despovoando as aguas devido á pesca intensiva. Ha pois entre a classe piscatoria um movimento contra a pesca a vapor que desejam que o Governo em vez de subsidiar prohiba.

Apesar de separados por 10:000 milhas, o Japão e Portugal teem a resolver eguaes problemas sociaes.

1.º Anniversario da Proclamação da Republica Portuguêsa

(Vid. Chronica Occidental)

De Etajima a Nagasaki por Miyajima e Simonoseki

Pela 1 hora da tarde do dia 14 de julho suspendemos e navegámos a paiz de Etajima em direcção á ilha de Miyajima onde fômos passar a noite. Estavam n'esta ilha a esquadra de instrucção composta dos dois bellos cruzadores *Aso* e *Soya* commandada pelo contra-almirante Ijichi, um transporte, um submarino e a canhoneira allemã *Jaguar*. Troquei visitas com estes navios e visitei em terra o almirante Togo que ali estava particularmente passando uns dias n'aquella linda ilha, um dos tres San-Kei ou pontos mais bonitos do Japão. Fundeámos em Miyajima pouco depois das 2 horas. Esta ilha foi considerada uma ilha sagrada durante muitos centos de annos como o seu nome Miyajimia (ilha do templo) o indica. Até á epocha da restauração eram prohibidas as mortes e nascimentos na ilha sendo removidas para o outro lado do estreito as pessoas moribundas ou as mulheres prestes a dar á luz. Dá tambem importancia á ilha o facto de ser o templo dedicado ás tres deusas irmãs Itsukushinia-hime-no-mikoto (que deu o nome á ilha) Tagori-hime-no-mikoto e Takitsu hime-no-mikoto filhas de Amaterasu no-ō-mikami, pae do primeiro Imperador do Japão Timmu Tenno.

No dia 15 de julho com uma manhã de chuva começámos a navegar em direcção ao estreito de Simonoseki pelas 6 h. e 10 m. (a. m.). As 8 h. e 15 m. passávamos o estreito de Nuwa Shima Suido. Notamos no mar interior que quasi todas as embarcações teem dois ou tres mastros com boas velas ao passo

O Chefe do Estado e Presidente do Municipio procedendo á ceremonia da colocação da primeira pedra para o monumento á Republica

O sr. Presidente e Ministerio no pavilhão da Rotunda, assistindo á passagem das tropas em continencia
Nos palanques junto ao pavilhão da Rotunda

A Parada Militar — O desfile das tropas na Avenida da Liberdade

1.º Anniversario da Proclamação da Republica Portuguêsa

Carro do Comercio

Carro dos Correios e Telegrafos

Carro da Imprensa

Carro da Casa Pia

um aspecto do cortejo civico ao passar pelo Largo de Camões

que ha 23 annos quando ali passei as embarcações só tinham um mastro com uma pouco pratica vela de pendão. Informon-me o almirante Kato que isso era devido a ter sido abolida a antiga lei pela qual as embarcações só podiam ter um mastro para não irem muito longe! Havia antigamente no Japão a idéa de evitar a exportação das preciosidades existentes no Imperio. E' certo que hoje na Europa muitas nações prohibem a sahida do paiz de objectos de arte taes como quadros, estatuas, etc., o que traduz o mesmo pensamento. A's 3 horas parámos á entrada do estreito de Simonoseki para receber a visita de saude e pelas 4 horas da tarde fundeávamos em frente de Moji onde deviamos passar a noite. Moji está-se tornando um porto de carvão importante, pela sua situação, pelo preço do combustivel e rapidez com que se embarca.

Suspendemos de Moji ás 5 h. da manhã do dia 16 e navegámos em direcção a Nagasaki. Fóra do estreito calma e tempo encoberto. A' 1 hora da tarde passámos o canal de Kutski-noseto entrando em Hirado Sima. Continuando a navegar entre as ilhas entrámos em Nagasaki pelas 5 h. e 30 m. p. m. amarrando no fim do porto com dois ferros.

Estavam em Nagasaki as canhoneiras allemãs *Iltis* e *Jaguar* e o navio de guerra italiano *Calabria*.

Os progressos do Japão

No fim de 22 annos viemos encontrar o Japão completamente transformado. Por toda a parte redes de caminhos de ferro e tramways, portos artificiaes, navios de combate e baterias de costa.

Vivia o povo japonez modestamente nas suas casas sem mobilia e sem luxo, alimentando-se sobriamente e vivendo da pequena industria. Agora crearam lhe as necessidades da civilisação taes como, os caminhos de ferro vapores tramways, automoveis, telegraphos e telephones, theatros e animatographos, luz electrica, luxo e ostentação, etc., etc., coisas que a maioria não póde obter e d'onde resulta um mau estar do maior numero dando talvez origem ás socialistas e anarchistas que começam a apparecer. E' para mim muito duvidoso se a felicidade d'este povo augmentou. Por outro lado todos estes melhoramentos materiaes e armamentos custam sommas fabulosas. Em 1888 quando pela ultima vez tinha estado no Japão, as receitas do Estado cobriam as despezas que não excediam 40:000 contos de réis. Pelo ultimo orçamento (1910-1911) as despezas são de 277 mil. Os impostos que eram em 1890-1897 em média de 800 réis por habitante, são agora de mais de 3:000 réis. Ao mesmo tempo os salarios não teem subido na correspondente proporção, tendo mesmo diminuido de 1907 para cá. Os graphicos juntos extrahidos do *Decimo annuario economico e financeiro do Japão*, publicados este anno pelo Ministerio da Fazenda, são interessantes e dão uma idéa exacta do estado actual da economia japoneza.

(Continúa.)

A. Pinto Basto.

Capitão de fragata

O convento das Francesinhas e a sua fundadora

(Continuado do numero 1176)

A 27 de junho de 1666 realisava-se em Rochelle o casamento de D. Maria Francisca Isabel de Saboya, por procuração, representando el-rei D. Affonso VI o seu embaixador marquês de Sande. No dia 30 partia daquelle porto uma esquadra composta de dez navios sob o comando do marquês de Ruvigni e que conduzia para Lisboa a futura rainha de Portugal com toda a luzida comitiva que a acompanhava.

A esquadra chegou ao Tejo no dia 2 de agosto, dando fundo em frente da Junqueira, e logo foi a bordo visitar sua noiva, D. Affonso VI acompanhado do infante D. Pedro, seu irmão e dos conselheiros de Estado, num bergantim real. O desembarque da rainha efétuou se pouco depois na praia da Junqueira, onde era aguardada por toda a côrte, e dali se dirigiu com todo o luzido séquito á igreja das Flamengas, onde houve *Tè-Deum*, e o bispo de Targa capelão da casa real, abençoou os regios esposos, indo a rainha por fim para o palacio de Alcantara, faustosamente preparado para aquelle efeito.

Era D. Maria Francisca de Saboya de rara formosura, que muito impressionou toda a côrte e não menos devia impressionar o seu noivo; entretanto é certo, que havendo no paço uma ceia de gala em que a rainha tomou parte com a côrte, D. Affonso não compareceu, conservando-se nos seus aposentos particulares, sob pretexto de estar cançado, sem que nada o demovesse a ir ás salas e muito menos aos aposentos de sua noiva, a quem mandou dizer estar incomodado.

Este singular procedimento de D. Affonso, se surpreendeu sua noiva, não a surpreendeu menos quando, nos dias seguintes ella o recebeu nos seus aposentos muito amavel e galanteador, como um rasoavel namorado, mas deixando tudo a desejar como marido!

Assim ia decorrendo a suposta lua de mel dos dois conjugues, ao passo que se preparavam as grandes festas com que os reaes noivos deviam dar entrada solemne em Lisboa, o que teve logar com extraordinaria pompa, no dia 29 do mesmo mez de agosto.

O prestito real sahiu do palacio de Alcantara ao meio dia, em direção á Sé de Lisboa e compunha-se dos procuradores da camara da cidade e sua comitiva a cavalo, que abria o prestito, continuando pela seguinte ordem: porteiros do paço, reis de armas, arautos e passavantes, corregedores do crime da côrte, juizes, etc. Os nobres iam em coches e liteiras; depois seguiam-se: o coche do estribeiro-mór, os coches de estado, e por fim o de suas magestades, que era descoberto e no qual iam sentados de traz el-rei dando a sua esquerda á rainha, e na frente o infante D. Pedro indo á sua esquerda a camareira-mór, marquêsa de Castelo Melhor. Para resguardar as magestades do sol, levava o moço da Camara, D. Rodrigo de Almeida, uma grande umbela de damasco carmesin franjada de ouro; fechavam o prestito os guardas e os moços de estribeira.

A rainha deslumbrava o povo com a sua beleza. Por todas as ruas do trajeto se levantavam arcos de triunfo mandados armar pelos estrangeiros da cidade, e as janelas, guarnecidas de sanefas de damasco e de veludo, á moda do tempo, enchiam-se de senhoras que saudavam a formosa rainha.

Chegando o luzido cortejo ás portas de Santa Catarina ali teve uma paragem para receber os cumprimentos da camara municipal, pronunciando uma alocução apropriada o vereador Cristovão Soares de Abreu, fazendo a ceremonia da entrega das chaves da cidade, o presidente do municipio Ruy Fernandes de Almada. O prestito seguiu depois para a Sé, onde foi celebrado solemne *Tè-Deum*, repicando os sinos e dando-se as salvas do estilo, tudo no meio de grande entusiasmo do povo que vitoriava os reaes conjugues que, no meio destas aclamações, regressaram ao palacio.

Na vespera desta grandiosa solemnidade, sahira um decreto concedendo perdão a todos os presos em Lisboa e de cinco leguas em roda da cidade, excepto aos prisioneiros de guerra e aos acusados de crimes de mortes, ferimentos, blasfemias e furtos superiores a um marco de prata.

Era assim completa a festa com que se celebrava o casamento real, mas o que não se completava era o matrimonio.

Facilmente se compreende que uma tal situação não se sustentaria por muito tempo, e que só a virtude de uma santa poderia resistir a semelhante sacrificio.

Ora D. Maria Francisca não possuia essa virtude, e que a não possuia breve o manifestou, principiando a aceitar a côrte que seu cunhado, o infante D. Pedro, lhe fazia, seduzido muito naturalmente pela formosura da rainha tão indiferentemente tratada por seu marido.

D. Affonso não deixou de perceber as inclinações do infante e da rainha, o que de alguma fórma fez sentir a seu irmão, levando este a retirar-se para o palacio de Queluz.

Entretanto adoecia a rainha, naturalmente contrariada, mas o infante D. Pedro vinha todos os dias ao palacio de Alcantara, saber do seu estado, o que ainda assim não satisfazia a doente, pois esta lhe pediu para que se mudasse para mais perto, ao que o infante acedeu, vindo risidir para o palacio de Côrte Real, em Lisboa.

Então a rainha melhorou, restabeleceu-se até, e este facto foi celebrado com festas publicas, em outubro do mesmo anno, em que houve jogos de cannas, cavalhadas, corridas de cavaleiros, touros e os competentes fogos de vistas.

(Continúa.)

C. A.

Associação Central da Agricultura Portugueza

8.ª secção

A mão d'obra em S. Thomé e Principe — Extracto da conferencia do socio ex.mo sr. Francisco Mantero, realisada na noite de 13 de fevereiro de 1911 sob a presidencia do ex.mo sr. Ministro das Colonias, etc.

Com o especioso pretexto de que o serviço nas roças de S. Thomé e Principe, relativo ao cacau, era levado a effeito por escravos, tem sido movida uma campanha de imprensa contra nós, desde ha alguns annos.

Foi iniciada na Inglaterra por elemento inglez, não extranho ao commercio.

O governo da liberrima Gran-Bretanha ha prestado justiça aos nossos sentimentos de humanidade, entretanto.

A insistencia, porém, da campanha estendendo-se aos prelos de todo o mundo e revelando-se em discursos varios, tendo tido até cabimento em perguntas parlamentares, despertou como era natural a curiosidade publica e muito particularmente o animo dos proprietarios portuguezes nas localidades em fóco.

Foi um d'estes, Francisco Mantero, que meteu hombros á nobre empreza de esclarecer todos os factos á plena luz da verdade authentica, reduzindo-os ás justas proporções.

Publicou um volume de largo felego, (1) baseado em estatistica rigorosa e prenhe de dados insophismaveis, pugnou pela causa legitima nas mesmas columnas da imprensa, apresentou-se em conferencia que assumiu fóros de notavel, expôndo e aclarando as razões e os motivos de tão forte campanha.

E não se limitou meramente a transmittir impressões, embora revestidas de toda a auctoridade, documentou com testemunhos de estrangeiros imparciaes tudo o que asseverou pelo seu verbo illustrado.

Essa conferencia acha-se publicada em folheto de 109 paginas, diante de mim n'este momento, encontrando-se o texto d'ella nas primeiras 34 e occupando o restante, em dois appendices, preciosos documentos que Mantero, por falta de tempo, não poude lêr na occasião e outros posteriores á data da alludida conferencia.

Qual, a conclusão a que chega o leitor attento e sem disposições de parcialidade?

A uma só e unica: que a campanha teve como objectivo a satisfação do cio commercial de extranhos, interessados na valorisação exclusiva de productos similares das suas proprias fazendas, e que, para poderem ficar em campo sem competidores, recorreram a meios de procedencia não fundada.

Serviu-lhes a protecção a conceder aos escravos, em nome da civilisação e do progresso.

Conveiu-lhes o assérto de que em S. Thomé e Principe trabalhavam escravos, forçados a permanecer longe das localidades de seu nascimento e de que, portanto, impunha a justiça que não mais se comprasse o cacau de similhante procedencia, emquanto Portugal não puzesse um termo definitivo ás condições vilipendiosas de taes trabalhadores!!!

Não seria o desejo intimo de estancar-nos e esterilisar-nos aquellas fontes abundantissimas de riqueza e prosperidade, conhecidas em todo o orbe civilisado pela denominação já secular de S. Thomé e Principe?!

Em Portugal, do continente europeu e fóra da Europa, de ha muito desappareceu a sombra da escravatura, e, quando surgem negreiros, estigmatisa-os a multidão indignada, pune-os a auctoridade das leis, nos tribunaes competentes.

Os indigenas da nossa Africa, são dos mais bem tratados entre todos os das possessões europeias. Não somos nós que o dizemos e proclamamos, assim o dizem e proclamam numerosos viajantes, nacionaes de outros paizes, em actos de publicidade e até em correspondencia particular.

Ainda não decorreu muito tempo, depois que Chevalier, em Paris, na respectiva Sociedade de Geographia, realisou uma conferencia sobre S. Thomé, (2) que conhecia *de visu* directo, e espraiou-se em todas as curiosidades da uberrima e formosa ilha, desenvolvendo-se com amplitude sciente.

Pois, esse distincto homem, observador e estudioso, não accusou os roceiros de manterem es-

(1) Vid. Occidente, presente vol. pags. 50 a 54. n.º 1159.
(2) Vid. Occidente vol. XXXIII, de 1910, n.º 1130.

cravos, simplesmente porque não tendo lá encontrado sequer vestigios delles não os podia inventar de pé para a mão e orientar mal o auditorio que o escutava.

Cumpre-nos e importa-nos seguir e nunca descurar no intento de dignidade patriotica e de civismo nacional, todas as campanhas dirigidas contra nós.

Esta, a proposito de S. Thomé e Principe teve e continúa a ter o melhor dos advogados, Mantero, uma activissima diligencia experimentada em 40 ou perto de 50 annos de existencia laboriosa, n'aquella região gratissima á presença de homens praticos e não timoratos, cujas iniciativas rasgadas remunéra copiosamente.

Ignoro se o folhete a que me reporto sahiu a lume em numerosa edição de exemplares e se estes, além fronteiras, tiveram a correspondente e larga distribuição. Se isto occorreu, em face dos documentos que encerra, genuino integramento complementar da conferencia, a esta hora, deverá ter-nos sido feita justiça em toda a parte.

Como homenagem a Francisco Mantero, a quem aliás apenas de nome conheço, não quero despedir-me dos leitores sem transcrever para estas columnas uma passagem de conceito profundo e significativo; eil-a:

«Sejam porém quaes fôrem as causas de ataque, o certo é que os seus auctores e auxiliares não conseguiram formar uma opinião mundial desfavoravel para nós. Pelo contrario; só conquistaram completos insucessos nos paizes onde fôram pedir auxilio, e até na propria Inglaterra, abstrahindo dos interesses politicos ligados á questão, tem perdido terreno constantemente, estando reduzidissimos em numero e em importancia.

Não é pois o publico mundial que se occupa de nós, e não é o grande publico inglez que nos hostilisa n'esta questão; não nos hostilisa tambem o governo britannico, o qual tem sido correctissimo com o nosso no decorrer de todas as phases da já longa campanha. Da nação ingleza e do seu governo não temos queixa alguma nem podemos tornar responsavel das culpas d'algum dos seus filhos, a mesma nação nossa alliada e amiga. Ao lado um do outro caminham os dois povos alliados desde ha muitos seculos; ao lado um do outro derramaram o sangue generoso dos seus filhos nas épicas batalhas da guerra peninsular, para assegurar o predominio inglez no mundo e cimentar a independencia portugueza. Ao lado um do outro continuarão a sua trajectoria atravez do futuro, sempre alliados, sempre amigos, ainda que pese a todos os *quahers* inimigos ou não de Portugal.»

Assim seja, para nossa fortuna e gloria, para honra da Inglaterra!

D. Francisco de Noronha.

A casa submarina

por

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1177)

«Os companheiros que tenho a meu lado, perguntam-me continuamente:

— «Vê alguma coisa, capitão?

E eu respondo invariavelmente:

— «Não vejo nada.

«E é verdade.

«*Segunda feira, á meia noite.* — Estamos sobre as rochas rodeados pela escuridão. Dolly Venn está a meu lado quasi enfermo de tanto esperar. Fez-se n'um novello e adormeceu sobre os pedregulhos. Seth Barker está recostado sobre uma grande pedra e parece uma esculptura talhada n'ella. O velho Clair-de-Lune tambem se encontra deitado.

Só eu continúo vigiando as murmurantes aguas.

«Não nos dirá nada, a noite? Surprehender-nos-ha o dia e nós ainda á espera? Não creio. Não póde ser!...

«Um tiro resôa no meio do silencio da noite, e um relampago illumina por momentos o espaço.

«Pomo-nos de pé de um salto, gritando:

— «A postos!

«As sessenta horas acabaram e o fim de tudo isto está perto.

XXIV

Segundo ataque da gente de Czerny

O tiro tinha sido feito do lado da porta pequena.

Nós já contavamos com elle, e por isso ficámos de vigia toda a noite.

— Atacarão o recife inferior — dizia eu — mas os nossos homens que estão ali de sentinella, nos avisarão com um tiro de espingarda, e depois, a metralhadora fará o resto.

A noite estava escura como breu, mas era coisa que pouco nos importava, porque durante o dia fizemos a pontaria do canhão sobre o recife, e agora pudiamos disparar com toda a confiança.

Duas vezes saltámos agudos silvos para avisar os nossos companheiros, e duas vezes ouvimos as suas vozes responder-nos.

Então a metralhadora começou a vomitar fogo, chumbo e aço, e o combate principiou cheio de enthusiasmo.

— Nada de tregua, Dolly! — gritei com o cerebro incandescente ao vêr que a lucta principiava. — Não descances um minuto, rapaz!... A'manhã teremos muito que contar e serão grandes coisas, verás!...

Respondeu-me com uma exclamação de alegria tal, que fez julgar ser aquillo para elle um divertimento.

— Mais munições, mais munições — pedia Dolly continuamente. — Está provado que os apanhámos! Depressa, venham balas, Seth, depressa!... Não os devemos fazer esperar! Oh! capitão, que bella noite esta!...

Os outros não diziam nada.

Até a lingua de Peter Bligh parecia estar pegada ao céo da bôca n'aquelle momento. A incerteza do que estava acontecendo tiravalhe todas as palavras. Não sabiamos nem viamos nada do que occorria, e tinhamos que confiar a nossa fortuna á escuridão da noite.

Os bandidos que caíam, os que se mantinham de pé, os botes que chegavam e os que se retiravam, nada podiamos vêr. Tudo estava occulto aos nossos olhos. O véo da noite envolvia todo o quadro nas suas pregas negras.

Gritos de agonia, rugidos e ameaças ferozes, rumor de remos mergulhando n'agua, vozes roucas de commando era o que se ouvia. O resto imaginava-se.

— As avançadas de Czerny — diziamos nós — trataram de assaltar e tomar de surpreza a porta pequena onde os nossos homens estavam.

Mas estes que se aguardavam atraz da porta d'aço, tinham dado o signal combinado e o resto sabe-se já.

Quando a aurora rompesse nos mostraria a colheita que tinhamos feito.

O éco das detonações repercutia-se pelos montes da ilha de Ken, e o sibilar das balas, era como o vôo de aves invisiveis, passando sobre as nossas cabeças. Havia occasião em que o fogaréo tremendo da polvora explodindo, illuminava por momentos o céo negro. Ouviam-se então gritos de desespero e depois sobrevinha novamente o silencio.

Fôsse o que fôsse que tivesse succedido, o caso é que os assaltantes da casa submarina, haviam sido, na primeira avançada, repellidos corajosamente.

Até Dolly, que estava enthusiasmado com o combate e a quem não havia maneira de conter, me ouviu finalmente e obedeceu á ordem que lhe dei.

— Deixa te agora de fazer fôgo — lhe gritei com toda a força de pulmões. — Para que serve estar a metralhar o mar? Já ouvi o apito do capitão, e isso quer dizer que ha novo perigo. Estejam preparados, rapazes, olho álerta! E' esperal-o de um momento para o outro.

Fizemos girar a metralhadora e apontámol-a para a pequena enseada que estava na nossa frente, e ficámos com as espingardas preparadas á primeira voz.

Tão juntos estavamos que eu podia ouvir o respirar dos meus companheiros, e via as suas figuras recortadas em silhuetas no chão.

Tinhamos uma tensão de nervos formidavel, mas com todas as faculdades da alma e do corpo bem dispostas.

Escudados pela escuridão da noite, as lanchas iam-se approximando de nós lentamente. O ataque que tinham feito á porta pequena, era apenas um laço armado á nossa bôa fé, não havia duvida.

O que Czerny pretendia principalmente, era apoderar-se da porta grande que tão desesperadamente defendiamos. O seu desejo era tornar a ser senhor dos seus dominios onde guardava os valiosos thesouros e onde podia encontrar refugio seguro. Contei até vinte segundos, sem se ouvir voz alguma, e então levantei a minha.

Confusamente vi nas trevas a sombra de uma lancha maior, acercando-se do sitio onde estavamos e bradei a Dolly.

— Fogo!...

Lançou um grito de desafio e disparou quasi á tôa.

A lancha manobrou e aproou para nós. Podia então vêr as caras d'aquelles que olhavam para cima, para a parte mais alta onde estavamos. Vi outras lanchas manobrando sobre as negras aguas, e ouvi a voz de commando, que dizia:

— Vamos a elles!

Então durante muitos minutos segundo creio, estive fazendo fogo contra as figuras que se erguiam deante de mim, voltando-me ora para um, ora para outro, sem contar as balas que se iam achatar nas rochas nem do diluvio de chumbo que caía sobre nós.

O combate era renhido, e nós estavamos no meio d'elle quasi sem nos lembrarmos de tal.

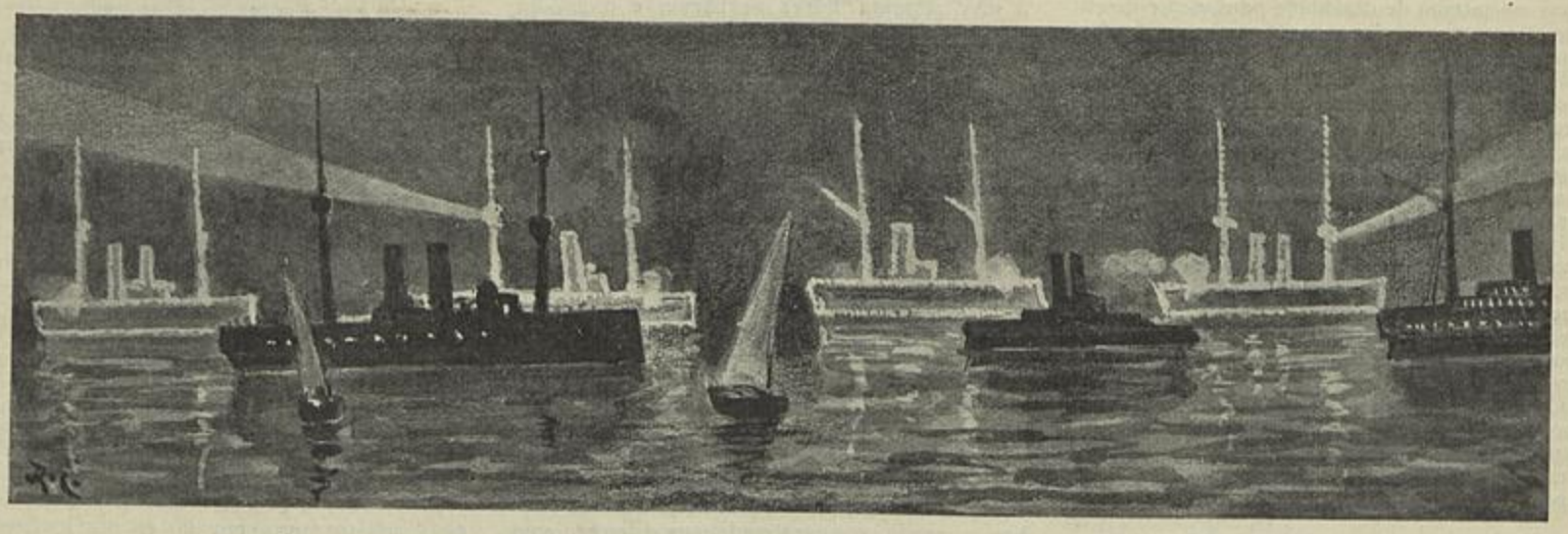
E que poderia pensar em taes momentos um homem, senão nos seres que contavam com elle para sua defeza?

Decerto que quem me ler terá imaginado o quadro, e figurará estar a meu lado á borda da rocha n'aquella penha que parecia desafiar o Oceano, com a escuridão do céo sobre a cabeça e o mar lá em baixo, com os canhões e espingardas vomitando fogo, os gritos dos feridos que se rebolavam pelo chão e as caras escorrendo suor. E assim como a solução de tudo isto continuava ainda occulta, e eu não sabia se um minuto ou outro me traria a morte, de igual maneira pensára nas emoções e no terror que me acompanhavam n'aquelles momentos de anciedade.

A torrente de projecteis não cessava um momento, e por cima e por baixo batiam de encontro ao escudo de aço ou abriam sulcos na agua e depois caíam impotentes, como as ondas do mar depois da ressaca. Uma bôa couraça de fina tempera nos defendia, portanto riamos dos que estavam da parte de baixo pretendendo fazer-nos damno.

— Faz girar o canhão! — gritei outra vez

1.º Anniversario da Proclamação da Republica Portuguêsa



OS NAVIOS DE GUERRA, NO TEJO, ILLUMINADOS E DANDO A SALVA Á MEIA NOITE DE 3 PARA 4 DO CORRENTE
(Desenho de Ribeiro Christino)

a Dolly. — Que todos participem dos seus tiros!... Nada de distincções nem favores esta noite, rapaz! Dá a cada um a medida a trasbordar! Anda, que o fazes por miss Ruth.

Elle então respondia-me alegremente:

— Sim, senhor!... Sim, senhor!...

Valente rapaz! Dava gosto ouvil-o.

Nenhum marinheiro dos tempos antigos, de cara negra, queimada pela polvora e cheio de enthusiasmo no meio do combate, haveria luctado como nós quatro luctamos abrigados pela couraça do canhão.

Tal como se o sol illuminasse as ondas d'aquelle mar, assim se illuminavam pelo clarão continuo das descargas. Agrupados, com o suor a escorrer-nos pela cara, os olhos meio cegos pelo fumo e o delirio do combate no coração, continuavamos fazendo sempre fogo contra o inimigo invisivel. A razão estava do nosso lado e isso nos bastava.

Segundo pude vêr, haviam seis lanchas cheias de gente para atacar a porta grande, e calculo que não conteriam menos de setenta a oitenta homens Obedecendo em fórma ás instrucções do homem que havia ideado aquelle plano de ataque, trataram de assaltar juntos a rocha por quatro pontos differentes, confiados de que assim, ainda que um só bote conseguisse desembarcar a tripulação, tomaria vantagem e chegaria á plataforma onde estavamos.

Apezar de não descançarmos um minuto com a metralhadora nem com as armas que tinhamos na mão, e embora fizessemos caír sobre elles um diluvio de chumbo, uma das lanchas conseguiu tocar a rocha e a sua tripulação, doida de alegria, saltou em terra e avançou correndo até ao forte blindado onde estavamos.

Tão repentino foi tudo aquillo, tão inesperado foi o ataque, que aquelles homens que mais pareciam demonios, estavam já sobre nós quando suppunhamos tel-os ainda a distancia no meio do mar.

Agitando as machadinhas e gritando de contentamento, uns escorregando pelos penhascos, outros trepando conforme podiam e agarrando-se ás plantas marinhas, os piratas caíram sobre nós como um furacão, e tal impressão nos produziu, que quasi cheguei a perder a coragem e pensei ter perdido a batalha de toda aquella noite, e que no fim de contas Ruth Bellenden caíria em seu poder.

— Não abandones a peça, Dolly! Defende-a até á ultima, se tens algum amor á vida! — gritei. — Peter, amigo, segue-me; vamos limpar a rocha d'estes selvagens! Pois não é verdade que me ajudarás?

— Ora essa, capitão!... Duvidou alguma vez d'isso? Ainda que fôsse contra o proprio diabo, póde ter a certeza que o ajudava!

(Continúa.) RICARDO DE SOUZA.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Contos e Digressões POR CAETANO ALBERTO

Um elegante volume de 224 paginas, profusamente illustrado com desenhos de A. Ramalho e C. Alberto contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas

Cartonagem em relevo, ouro e côres, **completa novidade, preço 500 réis**

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Poço Novo — LISBOA

Vierling & C.ª

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negoceiam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone, 2873 **Endereço, Fundos.**

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. *Unico* legalmente auctorisado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e *sempre que é preciso levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com lettras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis

Capa e encadernação 1$200